

Relato de Experiência – uma estratégia pedagógica para compreensão e reflexão de conceitos sociológicos

MATHEUS DE SOUZA VIATROVSKI¹; TAINÁ MELO SILVEIRA²; VERA LÚCIA DOS SANTOS SCHWARZ³

¹Universidade Federal de Pelotas – matheusviatrovski@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – taina.silveira@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas - vlsschwarz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O PIBID é um programa que oferece bolsa para estudantes de cursos de licenciatura, para que exerçam atividades de ensino e pesquisa, em escolas públicas de ensino básico. Dessa forma, o trabalho de ensino e pesquisa, desenvolvidos no programa, vai aprimorando a formação dos licenciados e contribuindo para a melhoria e qualidade do ensino nas escolas. O presente trabalho é o resultado de atividade de ensino que culminou com oficina planejada e executada por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, do Ministério da Educação, por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e Diretoria de Educação Básica Presencial – DEB. O programa PIBID está presente no curso de Ciências Sociais, desde o ano de 2010, sendo que a realização de oficinas pedagógicas encontra amparo nas atividades previstas no subprojeto da área. Motivados pelo desejo de desenvolver ações que possam ser tomadas como parâmetro de intentos de melhorias para o processo ensino-aprendizagem é que os pibidianos, das ciências sociais, executaram na Escola, ação denominada de “FÁBRICA_PIBID – Você é peça fundamental nesse Jogo”. Tal oficina buscou construir com os jovens reflexões sobre os temas: modo de produção, fordismo e alienação.

Essa atividade buscou problematizar questões ligadas ao modo de produção, em foco o fordista, discutindo o exercício do forte controle, da disciplina, a facilidade de substituição do trabalhador que deriva da baixa necessidade de especialização. Seria mesmo o aluno/trabalhador uma peça fundamental?

Por Fordismo, podemos entender a partir das reflexões desenvolvidas nos trabalhos de GRAMSCI (1974), como sendo um modelo de produção com propósitos que vão desde a expansão do capital e estímulo ao consumismo, sendo também capaz de exercer o controle, a domesticação e a padronização da vida pública e privada do trabalhador. Esse modo de produção criado pelo empresário norte-americano Henry Ford, possui como característica fabricação em massa baseada numa linha de montagem, este sistema de produção tem como objetivo principal reduzir ao máximo os custos de produção e assim baratear o produto. Outra importante característica do Fordismo é o uso de uma esteira rolante que conduz o produto ao trabalhador, visando assim suprimir o tempo gasto com transporte de objetos, para assim explorar ao máximo a força de trabalho do operário. Por modo de Produção podemos nos utilizar da ideia expressa abaixo: compreendemos:

O modo de produção constitui um objeto abstrato formal que, no sentido rigoroso do termo, não existe na realidade. Os modos de produção capitalista, feudal, escravagista, constituem igualmente objetos abstrato formais, visto também não possuírem essa existência. De fato existe uma formação social historicamente determinada, isto é, um todo social – no

sentido mais vasto- num dado momento de sua existência histórica. (POULANTZAS, 1971).

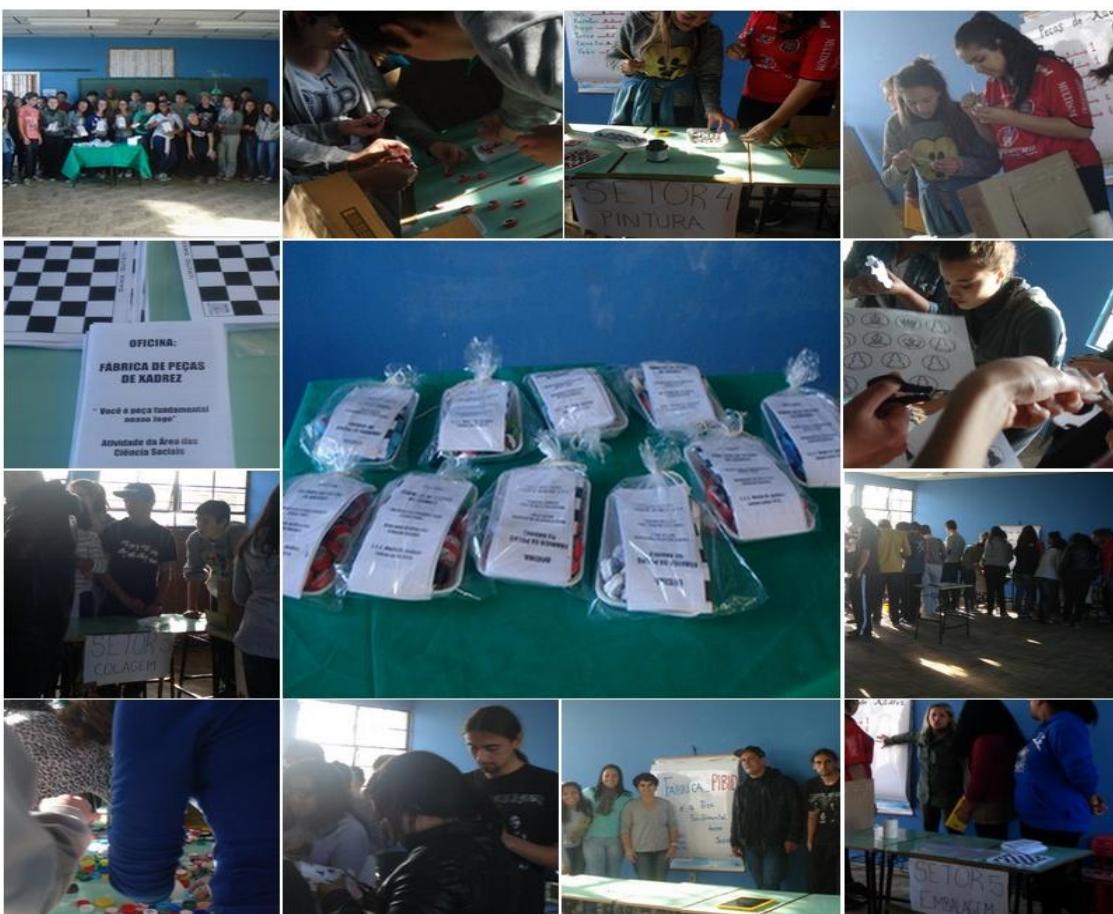
Podemos perceber que mais que a “forma como as coisas são produzidas” o modo de produção reflete o “todo-social”, é partindo do modo de produção que todas as demais relações dentro de determinada sociedade serão estruturadas. Esse processo de produção para MARX (1988) faz surgir à alienação humana, que decorre da divisão social do trabalho estabelecida no processo de separação na produção entre os que dirigem e os que executam. Buscamos reforçar os conceitos - de Modo de produção, fordismo e alienação de forma a preencher possíveis lacunas remanescentes da aula teórica ministrada na disciplina de sociologia. Embora seja o modo de produção um modelo abstrato formal, irá, o mesmo, estruturar e organizar grande parte das relações sociais, tendo em vista a hegemonia do modo produtivo, no caso em especial o capitalista fordista.

Tendo esta concretude em vista, achamos conveniente aproximar o máximo possível à prática da teoria, sendo este o impulso motriz para nossa abordagem metodológica. Partimos do pressuposto metodológico que mais que informar ou impor ao aluno um determinado “saber”, é papel do docente construir junto com o mesmo as bases necessária para atingir os resultados esperados. Para FREIRE (1977) temos que, recriar ideias e não importá-las. Dessa forma, estaremos nos pautando pelos princípios de um ensino construtivista-crítico, isso porque, não estaremos executando uma receita, mas sim interpretando e recriando. O construtivismo pressupõe que o conhecimento é construído ativamente pelo aluno via interação com os objetos.

2. METODOLOGIA

A presente ação foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Antônio Leivas Leite, no dia 14 de agosto de 2014, com alunos do ensino médio politécnico, em turno inverso. Fizeram-se presentes aproximadamente 35 alunos que foram acompanhados e orientados por uma equipe composta pela coordenadora da área das Ciências Sociais do PIBID, a professora responsável pela disciplina de sociologia e supervisora no programa e quatro pibidianos bolsistas da área das Ciências Sociais. Decidimos para melhor elucidar o conteúdo "Modos de Produção" que vinham sendo trabalhado na disciplina de sociologia, no segundo ano do ensino, planejar e executar oficina para relacionar teoria e prática, como forma de buscando assim um maior entendimento do conteúdo. Uma sala ampla foi preparada para a realização da dinâmica que simulava um dia de produção numa fábrica de jogos de xadrez. O preparo inicial simulou uma esteira que foi dividida em cinco setores. Cada setor correspondia atividades que seriam realizadas e logo após encaminhadas para o setor seguinte. No setor de triagem os alunos tiveram que selecionar oito tampinhas de garrafa pet de cores diferentes e que no seu interior tivessem sido preenchidas com gesso. Essas tampinhas deveriam ser colocadas em bandejas e repassadas ao setor de recorte. No setor de recorte os empregados deveriam disponibilizar sobre as tampinhas os recortes que representavam as peças de xadrez. A seguir as bandejas com as tampinhas e recortes passavam para o setor de colagem. Esse setor era responsável por colar nas tampinhas as imagens que representavam as peças do jogo, de forma a montar o grupo de peças brancas e pretas. Após as bandejas seguiam para o setor de pintura, onde deveriam cada grupo de oito tampinhas receber pintura na parte inferior das tampinhas. Essa pintura possibilitava que as peças pudessem ser utilizadas também como peças

para o jogo de damas. Após essa etapa as bandejas com as peças de xadrez brancas e pretas seguiam para o setor de embalagem. Nesse setor os alunos deveriam conferir a quantidade de peças brancas e pretas, montando o jogo, colocar um folder, que foi elaborado pelos pibidianos, contendo as regras do jogo de xadrez e um tabuleiro foi feito em folha A4. Isso tudo foi embalado em plástico em saco plástico transparente, e finalizado com um laço. Após todas as etapas do processo de produção os produtos gerados foram encaminhados para o setor de vendas, um total de onze jogos que foram deixados na escola para uso dos alunos.



pibidsociais.blogspot.com

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No âmbito desta intervenção, a discussão remete aos desafios que se depara o professor para uma transposição didática que envolva seus alunos. Durante o tempo em que foram sendo executadas as etapas do processo de produção fordista a professora, da disciplina de sociologia, fazia referências aos conceitos teóricos trabalhados em sala de aula. Mais do que propor aos alunos um esboço do que é ser um trabalhador dentro de uma fábrica de modelo fordista, buscou-se proporcionar condições semelhantes à infraestrutura de produção que permitiu vivenciar os conceitos teóricos e problematizar questões como: a alienação do trabalhador nesse processo, o exército de reserva contribuindo para a facilidade de reposição do mesmo.

Esta aproximação da sociologia com o cotidiano do aluno, somado a esta interação com o objeto de estudo permite a nosso ver, uma maior facilidade quando o que se busca é a compreensão de determinado assunto. Não há dúvidas de que

quando o estudante consegue visualizar o conteúdo na prática identificando-o no mundo real, do qual ele faz parte, esse saber torna-se significativo. Práticas que se sustentam mais na memorização do que na compreensão não envolvem e não geram aprendizagens significativas para a geração de sujeitos críticos e reflexivos. O formato da oficina contou com o envolvimento intenso dos trinta e cinco alunos, que lá se fizeram presentes durante duas horas e meia. Portanto, nos possibilita afirmar que existe uma maior predisposição do aluno em aprender quando o ele se torna o sujeito protagonista nesse processo.

Também se pode perceber a maior disposição dos estudantes por tratar-se de uma aula informal, onde eles saem do modelo rotineiro de sentar-se em fila para uma nova configuração do espaço e representação coletiva, representar tais papéis deixou os mesmos bastante empolgados. Possivelmente, o interesse possa ser atribuído pelo fato da possibilidade de experimentar a realidade de um trabalhador ou talvez simplesmente por estarem quebrando o modelo hegemônico de educação. Foi estimulante e gratificante perceber a surpresa dos alunos ao se depararem com o produto final. Perceberam a contribuição do seu setor no processo, mas ao mesmo tempo causou espanto no resultado final da junção de todos os setores que culminou na produção total de onze jogos de xadrez.

4. CONCLUSÕES

A atividade realizada assinala uma das metas do PIBID que é estimular uma renovação nos processos formativos de professores, para a educação básica, e contribuir para melhorar a qualidade do ensino. Esse ambiente formativo do PIBID propicia uma renovação no processo de ensinar e no de aprender não só dos discentes, como também dos docentes em serviço. Foi gratificante perceber o envolvimento de todos, sobretudo, dos alunos da escola que com uma participação ativa na oficina. Com certeza tudo isso leva os futuros professores a refletirem sobre a necessidade de substituir práticas metodológicas tradicionais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, L. A. de. Fordismo. Origens e Metamorfoses. Série Textos Acadêmicos. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2004.

FREIRE, P. Ação cultural para a Liberdade. Cultural Action for freedom. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GRAMSCI, A. Americanismo e Fordismo. v. II. In: _____. Obras Escolhidas. Lisboa/Santos: Estampa/Martins Fontes, 1974.

MARX, Karl. O Capital. Vol. 1. 3a edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.

POULANTZAS, N. Poder Político e Classes Sociais Do Estado Capitalista Vol 1. Porto: Portucalense, 1971.